

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura: por uma serie de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

1.ª Serie

Desterro, 22 de Setembro de 1872.

N. 9.

O TYPOGRAPHO.

Desterro, 22 de Setembro de 1872.

O presente e o futuro.

Os ardentes desejos que nutre a mocidade de tornar-se grande apparecendo por qualquer modo honesto, são uma gloria, uma coroa de flores que conquista, um canto de victoria que entoa, docemente eclinada no almo regaço da tranquillidade, fazem na imperturbável serenidade do puro cio do progresso, apparecer mais um astro de offuscante luz, que é depois contemplado em extasis por aquelles que virem nas trevas da ignorancia, cuidando só do presente, sem se lembrarem que hade chegar o futuro, e que elles que nunca procuráram cultivar sua intelligencia e instruir-se, deleitando-se ao mesmo tempo, hão-de morrer, como nasebam, esquecidos e desprezados do mundo inteiro, e particularmente d' aquelles que, em lugar de passarem as horas entregues á ociosidade, estudo, apprendem, para de pygmeos no presente, tornarem-se em robustos gigantes no porvir.

N'essa expectativa, procuramos o estu-

dio, tomando por mestre a nossa vontade e o desejo de algum dia deixarmos as trevas, para passarmos a um mundo de luz e de flores, como é o da instrução.

O homem que busca os livros, nunca é escarnecido e desprezado, pelo contrario, é respeitado e amado por todos; mas o homem que os despreza, e zomba delles, esse é tido como um selvagem, um miseravel ignorante.

Por isso, o nosso desejo é apprender, quando não possamos, por outros meios ao menos por nós mesmos, porque a vontade sobeja-nos.

Ha um annexim de nossos primeiros que diz que: «o saber não occupa lugar» —E' u na verdade, mas elles não se lembrão de dizer, e com razão, que a ignorancia occupa.

E nós para que não possamos ser tidos no numero dos ignorantes, exforcamo-nos; e, embora pouco adiantemos, esse pouco nos hade algum dia servir de muito.

O sabio e o conquistador.

Tamerlan, vencedor de cem batalhas, e altivo por ter levado a destruição e a desgraça aos mais longinquos povos,

percorria os estados que a Lattèra com o pézo de suas armas, acompanh do por um sabio, que havia admittido em sua corte, na expectativa de encarregal-o de lhe escrever a sua historia.

Tomados de fadiga, chegaram ao cum- de um sobranceiro penhasco, d'onde se descortinava as ruinas de uma cidade que tanto embelezaram as artes, e d'onde podia o tartaro contemplar sua ultima conquista, feita pela ferocidade e pilhagem.

— Olha. — diz-lhe o vencedor, — foi alli que dei dez assaltos e vinte battallas, que os inimigos, surprezos, abandonaram as suas muralhas, e que milhares de valorosos soldados encontraram a morte. Que bellos titulos de gloria!

— Ah! replicou-lhe o sabio — acaso o crêdes? Não! Ao redor d'essas muralhas destruidas, sobre essas cinzas, por entre essas ossadas dispersas, em vão procura a gloria! —

(Le Bailly.)

Legenda Allemã

O SULTÃO DAS FLORES

(Traducta do Francez por S. Nolasc.)

Seu idioma estrangeiro, sua belleza admiravel, a expunção á mil perigos, porém um anjo v lava sobre ella, e na tarde do terceiro dia de jornada encontrou um piedoso eremita á cavalo em companhia de um jovem cavalheiro que fóra a Terra-Santa para libertar o tumulo de Christo.

O eremita aproximou-se de Habali, cuja candidez o interessa, elle adivintra e admira as vistas misericordiosas do Céu para com a joven infiel, e com voz paternal assim lhe falla:

— Filha, a nossa missão, no Oriente, está terminada. Passados alguns dias chegarão aqui os navios que nos devem transportar para Europa.

Quatro dias depois um giganteço navio, que ia reconduzir para Franca os libertos ores do Santo Sepulchro, recebia no numero de seus passageiros a filha do Sultão, a qual rocara os vestidos orientaes por um gro seiro saio de peregrina.

A viagem foi longa. Encerrada em sua estreita camara. Habali incessantemente pensava na ce este visio, e de seu coração se elevava a cada ins ante uma oração de amor dirigida ao eterno Sultão das flores da terra.

E nãim dezemoarca em Ma seille, cidade populosa, cujo port se assemelha de lon re a uma floresta de mastos. Porém Habali não vê as riquezas da cidade dos Phoc os: seu coração suspira por Offenbourg.

Offenbourg é uma cidade encantadora, occulta em um ram lh te de arvores, cheia de sombra, de frescura e perfumes. Pos ue uma igreja jã bem velha, cujas vidraças representam maravilhosas legendas, cada uma de suas lages é uma pedra tumular, enfileiradas no longo das paredes vêem-se os tumulos dos cavalheiros. Porém, sobretudo o que mais attrahe e demo a o peregrino e o viajante, é o cemiterio de Offenbourg.

Foi em face desse monumento tão bello que a joven oriental parou. Uma gruta formada de uma espe iã de pedra que se acha nas pedreiras d'Allemanha se abriu ante ella. O artista completou um chefe d'obra, dando v da a este montão de granito vermelho. Uma scena de magnifica expressão se desenrola á principio em lividas estatuas, depois em baixos relevos.

No fundo vê-se uma pintura.

Sobre o primeiro plano achão-se tres homens adormecidos. Um d'elles collocou a capa debaixo da cabeça para repousar. O segundo parece agitado por um sonho; aperta convulsivamente o

punho de uma espada; o terceiro, de cabellos annellados e de p'nte gracioso parece ter adormecido involuntariamente; conserva na mão um livro semi-aberto. Sobre o segundo plano, ajoelhado junto de uma rocha, tendo o corpo abatido e o semblante entristecido por pro. unda melancolia se con. erva um homem... E' um homem! viva e ubli. e expresso do soffrimento. Um espirito bemaventurado, cuja physionomia representa profunda compaixão, lhe offerece um calix. (Continúa.)

Belisario.

(Trad. de Marmoniel.)

Belisario, cego, caminhava mendigando para um velho castello em ruínas, onde sua familia o esperava, havendo prohibido ao conductor de fallar em seu nome durante a viagem; mas o ar de nobreza que se expandia em seu rosto havia para interessar.

Chegando de noite a uma villa, seu guia para á porta de uma casa que, embora simples, tinha boa apparencia. O proprietario, entrava com uma pá na mão:

— Quem sois? — perguntou.

— Um velho soldado, respondeu Belisario.

— Um soldado! E é esta a recompensa que tivestes?

— E' a maior desgraça de um soberano, não poder pagar todo o sangue que por elle se derrama!

Esta resposta commoveo o aldeão, elle offereceu asylo ao velho.

— Eu vos apresento, disse aquelle á sua familia, um valente homem que supporta valorosamente, a mais dura prov. da virtude.... Meu camarada não vos envergonheis do estado em que vos achais diante de uma familia que conhece a desgraça... Septemo-nos, vamos cear.... Entretanto, p' o seguio, dizime em que guerras servistes.

— Fiz a guerra da Italia contra os Godos, respondeu Belisario a da Asia contra os Persas, e a da Africa, contra os Vandalos e os Mouros.

A' estas ultimas palavras o aldeão não pôde conter um profundo suspiro.

— Sim, disse elle, fizestes todas as campanhas de Belisario?

— Nunca nos separamos!

— Oh! excellente homem! que ideal de de alma! que rectidão! que elevação!

— E on le o conhecestes?

— Sem amo-nos; o que me pedis não levaria muito longe.

Belisario não duvidou que seu hospedeiro fosse algum official de seus exercitos, que lhe era agradecido.

O aldeão, durante a c'za, pediu a Belisario, que lhe contasse alguns factos das guerras da Italia e da Orient, sem lhe fallar na da Africa.

Belisario, com simples respostas o satisfiz.

— Bebamos! exclamou o aldeão firmando a c'za, á saude do vosso general!... E possa o c'zo fazer lhe tanto bem, quanto mal me fez elle em sua vida!

— Elle! ? — Fez-vos mal! — ... Cumprido o seu dever.

— Mas.... Já que fizestes as guerras da Africa, haviéis de ver o rei dos Vandalos, levado por Belisario, em triumpho a Constantinopla... E á esse rei dos Vandalos, esse Gellimer, emfim, que vos abre suas portas de par em par!

— Vós, Gellimer? — E o imperador não vos deu um estado mais digno de vós?

— Elle promettera, dera sua palavra offerec-me dignidades, eu não as quiz, pois que, quando se á rei, e cabe se na desgraça, nada é mais doce que o repouso e a obscuridade!

« Sim!... Eu fui o mais voluptuos dos reis da terra... cahi nos ferros, e vós de vis saber, que, ou devet'os mor-

O TYPOGRAPHO.

rer de dôr ou elevarmo-nos acima dos caprichos da fortuna !...

—Tendes em vossa sabedoria, disse Belisario, muitos motivos de consolacão mas eu vos prometto mais um, antes de nos separarmos.

Cada um, depois desta tocante scena, foi repousar.

Gelimer, quando amanheceu, antes de ir cultivar seu jardim, foi procurar o velho; achou-o de pé, prestes a partir.

—Que! Não quereis pas ar alguns dias commo-seca ?!

—E'-me inteiramente impossivel, tenho familia que me espera, e gemo durante minha ausencia... «A lence!» amigo, este pobre ego, este velho soldado, Belisario, enfim, jamais esquecerá o acolhimento que de vós recebo.

—Que d zeis ? ? Qu m ? ! Belisario ?

—E' Belisario que vós abra a.

—Oh! justos céos ! exclamou Gelimer fora de si; Belisario em sua velhice, coberto de cans, cego e abandonado !

—Fez-se ainda peor : entregando-se-me á piedade dos homens, principiáram elles por vasarem-me os olhos...

—Ah !... E quem forão os monstros ?

—Os injusos ! accusaram-me de aspirar ao throno, quando eu não pensava senão no tumulo. Acreditaram posaram-me em ferros. O povo, enfim, revoltou-se, e jedio minha liberdade. Preciso foi ceder, mas restit indo-m'a, privaram-me da luz ! Nada mais me resta, g aças no cego, senão alguns momentos para ser cego e pobre !

—Dignai-vos passar commigo os ultimos momentos de uma vida tão bella !

—Isto seria para mim uma doce consolacão, mas tenho familia, e quero morrer em seus braços... «ad os ! »

Gelimer não podia separar-se de Belisario, mas a hora da partida chegou.

E o rei dos Vandalos contemplando-o pela ultima vez exclama :

—Oh ! prosperidade ! prosperidade E quem pôde em ão se fiar de ti ? ! Que gloria que o heroico, o justo, o sabo Belisario, morreria cego e abandonado ? !

«Adeusa Belisario, o Senhor que te abra as portas do céo, e te receba no seio de sua divina gloria !

Canto materno.

Meu Deus, dize-me qual seja
Mas feliz d'esses dous entes
Se o aijo dos innocentes,
Se a mae que o filhinho beija ?

A. A. Mendonça

Dorme, dorme, minha filha,

Sobre esse leito de flores;

Os anjos vela-te o somno,

Sorrindo, cantando amôres.

Oh! dorme, dorme, querida,

Tua existencia — é de rosas;

Os teus sonhos — são adejos

De borboleta, formosas.

Oh! dorme! — que eu a teu lado,

Minha filha, reclinada,

Von criando tua fronte

De beijos, mimosa fada !

Os teus sonhos que são elles,

Minha filha ? — Uma chimera !

Pois tua vida é começo

De vicente primavera !

Tua vida ? — Flor aberta

D'aurora aos doces abores;

Jardim guardado por fadas,

Um mar de gozos e flores !

E' tempo, filha querida,

De dormires descuidosa,

De sorrisos para os aijos,

De brilhares como a rosa !

Oh! dorme, dorme, que eu velo

Juncto a ti — gentil creanca !

Meiga filha de minha alma...

Doce imagem da esperanza !...

H. NUNES.